

## PROXIMIDADE E AFASTAMENTO: REFLEXÕES SOBRE TÉCNICAS DE ENTREVISTA EM TEMPOS DE INTERNET<sup>1</sup>

*Ana Teresa Alves Malta<sup>2</sup>*

*Thaís de Mendonça Jorge<sup>3</sup>*

**RESUMO:** A internet gerou novas interfaces jornalista-fonte-leitor e provocou mudanças nesse diálogo. Este estudo discute a maneira de estabelecer contato com entrevistados, em tempos de comunicações on-line. Avaliam-se as classificações de entrevista, presentes na literatura e na história do jornalismo, e tenta-se refletir, sob o referencial teórico do Newsmaking e do Gatekeeping, acerca das diferenças entre a entrevista pessoal e as intermediadas por mecanismos eletrônicos – telefone, e-mail e outros. Os dados empíricos, levantados por meio de entrevistas em profundidade com jornalistas de Brasília, além de observação não-sistemática no jornal *Correio Braziliense*, sugerem que a entrevista pessoal ainda prevalece como ferramenta primordial para o jornalista.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Entrevista; Rotinas Produtivas; Internet; Telefone; E-Mail.*

**ABSTRACT:** The internet generated new interfaces between journalist-interviewee-reader and provoked changes into this dialogue. This study discusses the manner of establishing contact with interviewees, in times of online communications. We evaluate types of interview, present in the literacy and in the history of journalism, and try to understand, with the theoretic reference of the Newsmaking and Gatekeeping, the differences between the in-person interview and the ones intermediated by electronic mechanisms – telephone, email and others. The empirical data, raised by in depth interviews with journalists, besides the non-systematic observation at the newspaper *Correio Braziliense* (Brasilia, Brazil), suggests that the in-person interview still prevails as a main tool to the journalists.

**KEYWORDS:** *Interview; Productive Routines; Internet; Telephone; E-Mail.*

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, realizado em Campo Grande, na UFMS, em novembro de 2015.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Brasília. A pesquisa inicial deste artigo foi para monografia de conclusão do curso, concluído em julho de 2015.

<sup>3</sup> Jornalista, Mestra em Ciência Política e Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília; atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB.

## INTRODUÇÃO

Com origem entre os séculos XIX e XX (PEREIRA JUNIOR, 2006), a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. Lage (2001, p.73) a classifica como “uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. A entrevista pode ser definida como “o trabalho de apuração jornalística que pressupõe contato pessoal entre repórter e uma ou mais pessoas, de destaque ou não, que se disponham a prestar informações para a elaboração de notícias” (BARBOSA; RABAÇA, 2001, p.273); encarada como técnica “de obtenção de informações que recorre ao particular” ou “de interação social, de interpenetração informativa” (MEDINA, 2000, p.8); ou vista como uma “conversação absurda” (HALPERÍN, 1995, p.9), em que uma pessoa (pública ou não), é interrogada por um desconhecido que faz, muitas vezes, perguntas íntimas ou comprometedoras. “Os noticiários são quase totalmente elaborados com base nesse processo de apuração: é o repórter fazendo perguntas e ouvindo respostas, sobre fatos ocorridos ou sobre ações, opiniões e ideias do entrevistado”, reconhecem Barbosa e Rabaça (2001, p.273).

Entretanto, o termo “entrevista”, em si, é ambíguo, mudando de significado em diferentes situações:

- a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo;
- b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público;
- c) a matéria publicada com as informações colhidas em (b). (LAGE, 2001, p.73)

Halperín (1995, p.13) conceitua a entrevista no jornalismo como “a mais pública das conversações privadas”. Funciona com as regras do diálogo privado (proximidade, intercâmbio, exposição discursiva com interrupções, tom marcado pela espontaneidade, presença do pessoal e atmosfera de intimidade), mas está construída para o âmbito público. O sujeito entrevistado sabe que se expõe à opinião de outras pessoas. Não é um diálogo livre entre dois sujeitos. Um tem o direito de perguntar e o outro de ser escutado. A relação entre o jornalista e o personagem é assimétrica: o entrevistado está no centro da cena, a voz dele é a mais importante na conversa e é ela que deve chegar aos leitores e ouvintes. O autor também relata a existência de uma assimetria inversa. O jornalista se investe de uma autoridade representativa do público e o entrevistado, por um momento, se coloca à disposição para ser guiado, interrompido (com prudência e

senso de oportunidade), criticado, questionado sobre suas dúvidas, contradições, declarações. O entrevistado dá liberdade para penetrarem em sua vida ou, pelo menos, na intimidade de sua obra (HALPERÍN, 1995, p. 13).

A entrevista, como forma de revelar a verdade, é utilizada em várias profissões: médicos, psicólogos, assistentes sociais, juízes, vendedores, pesquisadores e, claro, jornalistas (HALPERÍN, 1995; JORGE, 2008). Altman (2004) encontra semelhanças entre o entrevistado e o paciente no divã. Porém, a principal diferença estaria nas consequências. No dia seguinte, ou no mesmo momento, no caso da internet, tudo o que foi dito intramuros pode ser exposto publicamente, no caso do jornalismo.

Medina (2000) destaca quatro critérios levados em conta pelo jornalismo, que sintetizariam as características da entrevista na imprensa:

Por mais ambição de historiador que tenha o entrevistador, ele estará implicado em tocar o presente (atualidade); por mais psicólogo que queira ser diante de um interlocutor confessional, ele terá de se ater a traços significativos para muitas outras pessoas que, na comunicação anônima, se identifiquem com o entrevistado (universalidade); por mais profundo que queira ser no tempo e no espaço, tal qual um artista ao pintar o seu modelo, não poderá se desvincular do timing '24 horas ou menos' (periodicidade); e por mais vanguardista que seja, seus ímpetos de ruptura artística não poderão colidir com a legibilidade da comunicação coletiva (difusão). (MEDINA, 2000, p.19)

## **ORIGENS: DO BORDEL AOS PALÁCIOS**

A história social da entrevista envolve polêmica. Segundo Pereira Junior (2006), a origem da entrevista jornalística remonta ao início do século XIX. Um dos pioneiros teria sido James Gordon Bennett, dono do *New York Herald*, jornal americano publicado diariamente entre 1835 e 1924. Em 1836, Bennett entrevistou Rosina Townsend, dona de um bordel onde ocorrera o assassinato de uma prostituta, Helen Jewett. De acordo com Pereira Junior, Rosina contou ao jornalista que um comerciante casado visitara Helen na noite do crime e, com estardalhaço, implorara para ser recebido. O fato havia sido negligenciado pela polícia, mas depois terminaria por confirmar a culpabilidade do comerciante Richard Robinson.

Pereira Junior (2006, p.108) destaca duas razões pelas quais a entrevista de Gordon Bennett passou para a história do jornalismo como um marco: deu atenção a pessoas marginalizadas, “personagens que a sociedade da época preferia esquecer”; e teria levantado informações decisivas para o caso. O autor também considera que o mérito de Bennett foi o de dar primeiro plano a uma entrevista na edição de seu jornal, e

não o de inventar o procedimento. Para Brady (1976), a entrevista realizada por Bennett concentra o mérito de ter sido publicada em estilo *pingue-pongue*, isto é, sob a forma de perguntas e respostas. Eis um trecho da entrevista com Rosina Townsend, na qual ela dá sua versão para a noite do crime:

*Pergunta:* O que ele [um homem chamado Frank] estava fazendo?

*Resposta:* Ele estava deitado no lado esquerdo dele, com a cabeça descansando em cima do braço na cama, o lençol o cobrindo, e alguma coisa na outra mão.

*Pergunta:* O que era?

*Resposta:* Não sei dizer.

*Pergunta:* Era um livro?

*Resposta:* Eu acho que era — ou um livro ou um jornal. Eu vi o rosto dele.

*Pergunta:* O que ele disse?

*Resposta:* Nada. Helen me perguntou — “Rosina, como você não esteve bem hoje, aceita tomar uma taça de champanhe conosco?” Eu respondi, “Não, muito obrigada, mas prefiro não”. — E então eu deixei o quarto, pois outras garotas me chamaram nos andares de baixo. — Eu não escutei ou vi nada mais a partir desse momento. — A casa foi trancada à meia noite.

(BENNETT, 1836 *apud* BRADY, 1976, p. 223-224)

Se até a publicação no *New York Herald* é questionada – Pereira Júnior a vê como um texto corrido, enquanto Brady entende ser ela um *pingue-pongue* – a própria iniciativa de Bennett sofre a acusação de não ser inédita. Erbolato (1984) considera que James Gordon Bennett desenvolveu uma ideia implantada, três anos antes, por Benjamin H. Day, no *New York Sun* (1833-1950). Day seria o responsável por várias inovações no jornalismo da época: reduziu os artigos de fundo e as notícias sobre política e administração; deu ênfase às matérias de interesse humano; e aumentou a área para anúncios, criando o formato *standard*. Os repórteres do *New York Sun* compareciam “todos os dias à chefatura de polícia e ali faziam crônicas sobre bêbados, ladrões e outras pessoas que iam expor os seus problemas, *porém sem ouvi-las*” (ERBOLATO, 1984, p.138, grifo do autor). As mudanças agradaram ao público, nos tempos da *penny press*<sup>4</sup>.

Nem o desfecho da morte de Helen Jewett pode ser considerado tranquilo: Pereira Júnior (2006) afirma que a entrevista de Bennett mudou o rumo do caso; Brady (1976) assegura que o caso nunca foi desvendado. Pereira Júnior não atribui a Bennett a criação do formato *pingue-pongue*. Quem o teria inventado seria, em sua opinião, o

---

<sup>4</sup>Os jornais impressos eram vendidos a um centavo (um *penny*), movimento que ligou o jornalismo ao sensacionalismo, mas serviu para popularizar a imprensa, com a adesão de grandes massas alfabetizadas ao fluxo informativo.

jornal *New York Tribune*, 23 anos mais tarde, em 1859, ao estampar uma entrevista com o dirigente mórmon Brigham Young.

### **À SOMBRA DAS PIRÂMIDES**

A entrevista não foi bem aceita por todos profissionais, nem por todos os países. O jornal londrino *Pall Mall Gazette*, em 1886, teria classificado a entrevista como “degradante para o jornalista que a fazia, odiosa do ponto de vista do entrevistado e cansativa para o público” (ERBOLATO, 1984, p.138).

John Brady (1976) recupera uma entrevista realizada em 1871 com o imperador Dom Pedro II que, no Brasil, pode ser considerada uma entrevista histórica. Um correspondente do *New York Herald* encontrou o imperador enquanto ele visitava a capital do Egito, Cairo. A conversa foi bastante breve:

*Correspondente:* Eu vejo uma edição do *Galignani* [jornal italiano], contendo uma entrevista com o Sr. Seward, do *New York Herald*, na sua mesa. Vossa Majestade já leu?

*Dom Pedro:* Eu li, com interesse. O Sr. Seward tem sido um grande viajante, e parece ter melhorado exaustivamente suas oportunidades de observação. Eu não devo ser capaz de ir tão longe quanto ele foi. À propósito, suponho que agora eu esteja sendo “entrevistado”, o que, acredito, seja o termo.

*Correspondente:* Sim, Majestade; mas eu irei com prazer mostrar meu manuscrito ao seu secretário, se houver algo que queira retirar.

*Dom Pedro:* Obrigado; mas talvez não seja necessário. Eu estive em um constante estado de “entrevista” por toda a minha vida e, conseqüentemente, não digo nada que não esteja disposto a dizer em público. É surpreendente, no entanto, encontrar um correspondente do *New York Herald* embaixo da sombra das pirâmides.

*Correspondente:* Eles são homens muito empreendedores, os correspondentes do *Herald*, e vão a qualquer lugar.

*Dom Pedro:* Bem, os senhores são um povo empreendedor, e merecem a grande prosperidade que gozam... Mas devo pedir que me dê licença agora, pois vou receber o Príncipe Herdeiro neste horário. Eu te desejo uma boa manhã. (BRADY, 1976, p.226)

Existe, inclusive, um registro fotográfico dessa viagem ao Egito, do imperador com a comitiva dele.



**Imagem 1**

**Dom Pedro II foi um grande incentivador da fotografia. Ele deu entrevista no Cairo**

Fonte: Museu de Imagens (1871), autor desconhecido

Segundo Brady (1977), a entrevista como gênero de escrita carecia de credibilidade. Muitos não confiavam nas entrevistas publicadas. Mas, apesar das críticas, a técnica se consolidou. As coletivas de imprensa com presidentes (também chamadas de coletivas) tiveram importante papel nesse processo. O presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt (1901-1909) teria sido o precursor desse modelo, quando convidava repórteres para seu escritório e dava informações sobre os acontecimentos diários. “O estabelecimento da coletiva de imprensa presidencial, e ocasionais entrevistas privadas [do presidente] com repórteres, deram à entrevista mais poder e prestígio como um meio de colher informações para matérias” (BRADY, 1976, p. 229). Assim, a entrevista surgiu como excentricidade, técnica encarada com estranhamento, até obter consolidação na medida em que era adotada com cada vez mais frequência e em contatos com figuras renomadas na sociedade.

## **TIPOS DE ENTREVISTA**

Sem nos estendermos demasiado nos tipos de relacionamento que os jornalistas têm com as fontes (BRADY, 1976; ERBOLATO, 1984; HALPERÍN, 1995), restringimos, para fins deste artigo, os tipos de entrevista a algumas classificações mais

abrangentes, que servem ao nosso propósito de investigar quando, como e por que os profissionais elegem um determinado modelo em seu dia-a-dia. Lage (2001, p.74-77), por exemplo, separa as categorias de acordo com dois critérios: os objetivos e as circunstâncias. Na primeira perspectiva, delinea quatro tipos: a) ritual; b) temática; c) testemunhal; d) em profundidade. Em relação às circunstâncias, o autor observa que a entrevista pode ser: a) ocasional; b) confronto; c) coletiva; d) dialogal.

Esta última seria a entrevista por excelência. É marcada com antecedência e entrevistador e entrevistado constroem o tom da conversa. Ela é guiada pelas perguntas do repórter, mas não se limita a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados. Há também a entrevista exclusiva, quando um indivíduo concede um tempo a um veículo específico, e não a qualquer outro.

Como subgênero dedicado à compreensão de uma pessoa, de seus aspectos particulares ou de algum fato, Medina (2000, p. 16) aponta cinco tipologias: a) Entrevista conceitual – o entrevistador busca bagagem informativa, procura especialistas de várias correntes de informação e interpretação, está interessado em conceitos e não em comportamentos; b) Entrevista/enquete – o tema é o fundamental, com uma pauta ou questionário básico para dar unidade; c) Entrevista investigativa – visa investigar informação que não está acessível. Os temas preferidos são de repercussão pública, como administração governamental, gestão do dinheiro público, abusos de poder; d) Confrontação-polemização – o jornalista deve usar sua habilidade de mediador, instigador e investigador, porta-voz de dúvidas do senso comum: a coordenação do debate é a sua atitude específica; e) Perfil humanizado – é a entrevista que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida.

## **ENTREVISTAS X TECNOLOGIAS**

Nesta seção, vamos destacar as características da entrevista de contato direto com o entrevistado – que chamaremos de “pessoal”, de acordo com Oyama (2009) – e da entrevista que utiliza mecanismos de comunicação à distância, como veremos. A autora faz uma escala de preferência: a melhor entrevista é a pessoal, depois vem a entrevista por telefone e, por último, a por e-mail. O telefone diminuiria a capacidade de persuasão e percepção do repórter. A vantagem estaria em poder alcançar entrevistados quando não é possível o contato direto. “Já em relação ao email, nem essa vantagem

existe — uma vez que a conversa pode se dar... por telefone”, analisa Oyama (2009, p.17).

O emprego do correio eletrônico (e-mail) tira a espontaneidade da fala, além de não garantir que as respostas vêm realmente do entrevistado. A autora considera que o pior aspecto desse recurso é anular um dos principais *direitos* do repórter, que é fazer a pergunta em relação à resposta do entrevistado. No e-mail, as perguntas são estanques, enviadas e respondidas todas de uma vez. Uma situação confortável para o entrevistado, que não é confrontado imediatamente, e em muito semelhante aos antigos questionários, exigidos por autoridades durante o governo militar.

Lage (2006, p. 78) pontua que, atualmente, é possível ter uma conversa oral vendo a imagem do interlocutor na tela do computador. Ainda assim, a espontaneidade é menor do que nos encontros face a face. Segundo o autor, essa perda ocorre devido à complexidade dos fatores envolvidos em uma conversa. O principal motivo é a redução do ambiente partilhado, limitado pelo ângulo da câmera do computador e sua imobilidade. Pessoalmente, o entrevistador tem maior facilidade para observar o entrevistado. A proximidade física permite ter uma resposta mais completa, que inclui aspectos auditivos e visuais. Movimentos de mãos, desvios de olhar, silêncios, expressões corporais podem ser significativos e importantes numa entrevista.

Segundo Lage (2006), a proximidade permite que o repórter tenha maior comando da conversa, impedindo que o entrevistado mude de tema, algo impossível de ser feito numa comunicação remota. O entrevistado também capta as reações do repórter, seu interesse e entendimento do assunto, e envolve-se num verdadeiro diálogo. “Entrevistas temáticas e rituais funcionam geralmente bem pelo telefone, o que acontece menos com entrevistas testemunhais e não é absolutamente recomendável em entrevistas dialogais ou em profundidade” (LAGE, 2006, p. 86).

Para Pereira Junior (2006), o uso do telefone e do e-mail é recomendável depois da entrevista, na hora de editá-la, no caso de surgir alguma dúvida pontual. Ele considera que as tecnologias podem dificultar a humanização dos conteúdos jornalísticos. Já Brady (1976, p.175) diz que “a entrevista por telefone é o McDonald’s do jornalismo; não é o melhor método de obter informações, mas é rápido e útil.” Mais longa, a entrevista pessoal é considerada o melhor método para obter informações dos entrevistados (SHERWOOD, 1981; BRADY, 1976; LAGE, 2006; PEREIRA JUNIOR, 2006; OYAMA, 2009). Como vantagem adicional, ela facilita o desenvolvimento de uma relação de confiança entre os participantes da conversa.

## ENTREVISTAS SEGUNDO ENTREVISTADORES

Vamos agora analisar o emprego da entrevista nas rotinas produtivas dos jornalistas. Buscamos entender como os jornalistas escolhem o tipo de entrevista que vão utilizar (se pessoal ou à distância), quais recursos empregam (equipamentos e tecnologias como telefone, e-mail, mídias sociais) e as condições que influenciam essas escolhas.

Realizamos sete entrevistas em profundidade, guiadas por perguntas semiabertas. Procuramos ter uma amostra de jornalistas com experiência em diferentes veículos, idades e cargos diferentes (repórteres e editores), conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Entrevistados nos veículos<sup>5</sup>

Entrevistado	Idade	Veículo
Jornalista 1	30 anos	Jornal Correio Braziliense
Jornalista 2	45 anos	Rede Sistema Brasileiro de Televisão (SBT)
Jornalista 3	53 anos	Atualmente sem vínculo empregatício, último cargo: O Globo
Jornalista 4	61 anos	Portal Brasil Notícia
Jornalista 5	32 anos	Jornal O Globo
Jornalista 6	23 anos	Jornal de Brasília
Jornalista 7	32 anos	Rádio e TV Câmara

A partir destas entrevistas em profundidade, que constituem o material empírico desta pesquisa, compilamos os seguintes resultados:

A - Os jornalistas percebem uma tendência a permanecer mais tempo dentro das redações e a utilizar intercâmbios eletrônicos de comunicação. As principais causas apontadas incluem a diminuição do quadro de funcionários das redações, as complicações do tráfego urbano (que exigem maior tempo nos deslocamentos) e o ritmo de produção em tempo real, que prioriza quantidade e não profundidade. A jornalista 2 (Entrevista à autora, 25/05/ 2015) considera que a pressão de produzir em fluxo acelerado e contínuo pode culminar na disseminação de conteúdos superficiais. “Qualidade são matérias com profundidade. Isso leva tempo”, contrapõe. Para ela, o uso

---

<sup>5</sup>Os jornalistas não foram entrevistados como representantes dos veículos. Portanto, neste artigo, sua identidade está preservada.

negativo das tecnologias desenvolve entrevistas “cada vez mais impessoais, pasteurizadas e distantes”.

A jornalista 3 (Entrevista à autora, 28/05/2015) aponta que uma das razões para a queda no uso da entrevista pessoal é o processo multimídia, que pede a publicação em várias plataformas e de forma rápida. “Não existe mais o jornalista que escreve só para o jornal. Ele tem que fazer a matéria para o jornal, para o tempo real e, se der, ainda postar publicações no Twitter”, descreve. Ela aponta que as facilidades tecnológicas, como a obtenção de dados pela internet e as entrevistas por meios eletrônicos, apoiaram o hábito de permanecer na redação. No entanto, a jornalista 3 ressalta que ir aos locais onde estão às informações facilita o contato com os entrevistados e o estreitamento das relações com eles.

A jornalista 4 (Entrevista à autora, 28/05/2015) acredita que os veículos de comunicação não estão investindo em estrutura para facilitar a entrevista pessoal, que envolve alguns complicadores para as empresas, como “mão de obra, veículo, gasto de combustível, problemas com o trânsito”. Ela avalia que a entrevista por telefone é mais econômica e exige menos tempo, bem precioso para todos os jornalistas, principalmente aqueles que trabalham com o jornalismo on-line.

A jornalista 6 (Entrevista à autora, 03/06/2015) já trabalhou em um site e releva que as entrevistas para esse tipo de veículo são majoritariamente por telefone, para obter uma atualização o mais rápido possível, de forma a não depender do deslocamento do repórter até o entrevistado ou do recebimento de respostas por email: “Se você esperar um pouquinho, você leva furo”. Ela diz que dois critérios são essenciais no momento da escolha por uma entrevista pessoal ou à distância: o tempo e a necessidade de fotografia. “Eu tenho que entender o que é mais importante e o que vai me render foto. Muitas das opções de entrevistar pessoalmente são para ter foto”, admite.

B - Os jornalistas colocam diferentes pesos nas causas relacionadas às organizações e ao mercado jornalístico e nas razões determinadas por decisões individuais. Quatro entrevistados consideram que existe um comportamento voltado para a “acomodação”, à limitação às facilidades tecnológicas. O jornalista 1 (Entrevista ao autor, 12/05/2015) foi o que colocou maior peso nas escolhas individuais do repórter. “O que eu sinto, de ver [na redação], é que você vai incorporando esse discurso e daí a pouco não está fazendo [a entrevista pessoal] porque não quer. Prefere ficar sentado, fazer um bando de telefonemas, você fica acomodado.”

Ele alerta que esse comportamento é uma postura negativa na profissão, por ter potenciais efeitos negativos. Como exemplo, ele cita a diminuição da conexão com os entrevistados e do interesse pelos conteúdos produzidos e a desmotivação do profissional. “Se tem uma coisa que me fez interessar-me pelo jornalismo é essa dinâmica. É você sair, estar na rua, ver gente, esbarrar nas pessoas.”

Dois entrevistados rejeitaram a ideia de “jornalista preguiçoso” e focaram nos fatores externos à individualidade do profissional. O jornalista 5 (Entrevista ao autor, 29/05/2015) considera que “existe um falso pressuposto de que as pessoas estão ultradependentes do telefone, do Google, da internet e [que] isso vem aprisionando as pessoas”. Para ele, o principal motivo de uma tendência a realizar entrevistas por mecanismos eletrônicos seriam as “transformações que as redações vêm sofrendo, como o enxugamento [do quadro de funcionários]. Não acho que é uma questão de comodismo na sua essência”.

O jornalista 5 avalia que os repórteres sofrem um acúmulo de demandas e essa situação os incentiva a focar em conversas por telefones para agilizar os contatos com entrevistados e possibilitar o cumprimento dos prazos. Ele opina que, em matérias mais corriqueiras, pode ser melhor apostar nesse recurso de comunicação à distância, enquanto as matérias mais elaboradas podem priorizar conversas pessoais.

Para a entrevistada 7, a questão não se aplicou, por ter feito carreira em veículo institucional da Câmara dos Deputados e conviver menos com dilemas de entrevistar pessoalmente ou não — o trabalho é voltado para a cobertura cotidiana e praticamente só utiliza entrevista à distância quando não é possível encontrar os parlamentares em Brasília.

C - Os tipos de editoria, de veículo e de pauta influenciam a maneira de condução da entrevista. Matérias investigativas, com fontes temerosas, tendem a utilizar métodos indiretos de contato. O jornalista 5 destaca as peculiaridades dessa cobertura: há muitas declarações em off, entrevistas por telefone ou outros mecanismos de comunicação a distância pois, com frequência, a fonte não quer ser vista com jornalistas. Ele caracteriza o trabalho como delicado, exigindo discrição, convencimento dos entrevistados e desenvolvimento de confiança. No entanto, ele afirma que é importante ter o encontro presencial em algum momento. “O contato pessoal te permite ter convicção dessa confiança. Eu sempre peço para encontrar, nem que seja brevemente.” Ele afirma que, em conversas pessoais, é mais fácil identificar se o entrevistado está falando verdade ou

mentira, um dado importante para guiar a apuração. “É muito diferente conversar pessoalmente, sentir confiança, olhar no olho da fonte.”

A jornalista 3 trabalhou com coluna política e relata que esse tipo de conteúdo também é produzido, em grande parte, à distância. Ela dá alguns motivos para isso. Primeiro, pela necessidade de economizar o tempo. Segundo, para buscar informações diferenciadas das matérias do corpo do jornal. “É cada vez mais raro ver colunista lá no Congresso entrevistando as pessoas. Eles procuram evitar os lugares comuns, têm que correr por fora para tentar o diferencial.” Ainda assim, ela diz que é fundamental tentar encontrar fontes-chave do governo e conseguir algumas conversas presenciais, que podem render informações para várias colunas. A jornalista 4 avalia que a entrevista por telefone é ideal para jornalistas já conhecidos, como é o caso dos colunistas, mas não para os repórteres em início de carreira, que ainda precisam obter reconhecimento.

Outras editorias, como a coluna gastronômica, necessitam do encontro presencial para produzir uma informação confiável e consistente. O jornalista 1, que é colunista de gastronomia, afirma que é essencial ir pessoalmente às pautas para sentir o gosto da comida, perceber as expressões do chef e o tratamento em relação ao prato.

Em relação aos veículos, o impresso, o online e o rádio gozam de maior liberdade para fazer entrevistas à distância, enquanto a televisão é a que mais necessita do contato direto para obter imagens. Mas tal característica não significa que o repórter televisivo vai ter uma relação estreita com o entrevistado. Esse veículo tem uma produção bastante coletiva e nem sempre é o repórter que conduz a entrevista.

D - A entrevista presencial, segundo a maioria dos entrevistados, é capaz de proporcionar informações mais detalhadas. As qualidades citadas pelos entrevistados incluem poder captar informações visuais, ter um *feedback* das reações do interlocutor, desenvolver com maior facilidade a confiança e a intimidade.

E - A entrevista por telefone garante agilidade para a apuração, mas perde a transmissão de informações visuais e outras vantagens do contato pessoal, mencionadas na seção anterior.

F - O e-mail tem a vantagem de registrar com precisão as falas dos entrevistados, mas a comunicação deixa de ter características importantes do diálogo, como a possibilidade de fazer perguntas baseadas nas respostas do entrevistado e solucionar dúvidas no momento em que elas surgem.

## CONCLUSÕES

A intenção inicial deste estudo seria a de refletir como a entrevista é utilizada nas rotinas produtivas e assim avaliar como esta técnica, vital para o jornalismo contemporâneo, está sendo explorada pelos profissionais, num tempo em que as tecnologias dominam o jornalismo. A entrevista, como técnica de obtenção de dados ou como gênero jornalístico, se encaixa no referencial teórico do *newsmaking*, porque contribui para a produção da notícia, e na teoria do *gatekeeping*, pois constitui um dos filtros do jornalista para selecionar as informações.

Percebemos que as decisões individuais do jornalista permeiam não apenas a escolha dos assuntos que devem virar notícia (estudadas por David Manning White, em 1950), mas também um momento posterior, o da entrevista em si. O profissional da imprensa atua como *gatekeeper* ao selecionar os entrevistados e a maneira de estabelecer contato com eles. Nesse quesito, contam a percepção do repórter acerca da importância de cada fonte ou personagem e a disposição de encontrar essas pessoas.

Traquina (2005) registrou que os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo, ao executar uma atividade prática e diária orientada para um horário de fechamento – o que tem deadlines específicos, no caso do meio impresso, mas se dá a todo momento, nos veículos on-line. Além das justificativas pessoais, os entrevistados explicaram que a escolha do tipo de entrevista a realizar depende de características desse processo de construção da notícia, o que envolve outros fatores, como disponibilidade de carro e fotógrafo, distância e importância da fonte, e o tempo necessário para elaborar o material. Nesta pesquisa, vimos que pode existir uma tendência à acomodação dos jornalistas às facilidades tecnológicas, que permitem apurar informações sem sair da redação.

Alinhamos a seguir algumas vantagens e desvantagens das diferentes maneiras de fazer entrevistas, segundo os sete entrevistados:

a) telefone – agilidade; espontaneidade; discrição — útil em reportagens investigativas, quando o entrevistado não quer ser visto com jornalistas; tendência à objetividade — ideal para obter respostas breves e específicas; não permite verificar reações físicas ou conhecer o ambiente do entrevistado; dá poder para o entrevistado terminar a conversa quando quiser; tem maiores chances de abordar a fonte em um momento inoportuno, o que diminui a atenção e o tempo dedicado à entrevista.

b) e-mail – precisão; sem caráter de conversa, não espontâneo; menor interação e controle sobre as respostas do entrevistado; respostas tendem a ser mais curtas e planejadas; útil para obter dados e checar informações; registra automaticamente as informações fornecidas pelo entrevistado.

c) novas tecnologias (chats de mídias sociais, serviços de mensagens instantâneas, conversas por vídeo tipo Skype) – agilidade; permitem receber e enviar repostas instantaneamente quando ambos os interlocutores estão conectados; a percepção do ambiente é limitada pelo ângulo da câmera do computador; não permite verificar as reações do entrevistado; no caso dos vídeos, eles permitem ter uma imagem do interlocutor, ainda que em baixa resolução nas condições tecnológicas atuais.

d) entrevista pessoal – verifica características visuais, auditivas, comportamentais do entrevistado; permite conhecer o ambiente em que o entrevistado se situa; tende a ter maior profundidade, ser mais longa; facilita desenvolvimento de confiança e proximidade; contribui para desenvolvimento e reconhecimento profissional.

A partir do corpus empírico deste trabalho, podemos concluir que a entrevista pessoal concentra maiores vantagens em relação à aplicabilidade às rotinas jornalísticas. Além de um recurso clássico e histórico no jornalismo, ela simplifica o processo de checagem das informações por ser um contato direto com o entrevistado; de outra parte, como supõe um elo de confiabilidade entre o jornalista e a fonte, é passível de erros e muitas vezes pode levar a conclusões apressadas ou a falsas imagens. É justamente por causa da proximidade e do fato de confrontar as verdades do entrevistado que ela é considerada unanimemente, em nossa amostra, como a mais adequada ao trabalho de apuração de dados jornalísticos.

Por fim, a observação e o contato direto são importantes para a humanização do jornalismo (PEREIRA JUNIOR, 2006), a real aproximação com os personagens, sem estereotipar ou reduzir drasticamente os significados possíveis da realidade. A popularização de meios indiretos de obter informação — como o telefone e a internet — pode aumentar o grau de afastamento entre entrevistadores e entrevistados. Quando os contatos diretos se tornam difíceis, existe um risco de desumanização dos conteúdos jornalísticos, ou seja, de superficialidade, falta de contextualização, de protagonismo dos dados em detrimento do humano.

Acreditamos que, ao observar os elementos que participam da realização da entrevista (como o deadline, o tempo de deslocamento, as características dos recursos tecnológicos de comunicação, o tipo de entrevistado, de entrevista e de temática da

matéria), é possível entender os benefícios e as limitações dos mecanismos eletrônicos de comunicação e empregá-los de forma a conseguir o melhor contato possível com o entrevistado, dentro do objetivo da reportagem e o contexto em que ela é produzida. Assim, a entrevista terá melhores condições de cumprir o propósito de ser um braço efetivo da comunicação humana (MEDINA, 2000), um diálogo que possibilite pensar e compreender a sociedade, e não apenas uma forma de cumprir pautas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Gustavo Guimarães; RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus Elsevier, 2001.

BRADY, John. *The Craft of Interviewing*. Cincinnati: Writer's Digest Books, 1976.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

HALPERÍN, Jorge. *La entrevista periodística*. Buenos Aires: Paidós, 2005.

JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto, 2008.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MUSEU de Imagens. Autor desconhecido. *Fotografia de D. Pedro II e comitiva em viagem ao Egito (1871)*. Disponível em: <http://www.museudeimagens.com.br/dom-pedro-ii-egito>. Acesso em agosto de 2016.

OYAMA, Thaís. *A arte de entrevistar bem*. São Paulo: Contexto, 2009.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis: Vozes, 2006.

SHERWOOD, Hugh C. *A entrevista jornalística*. São Paulo: Editora Mosaico, 1981.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.